

**ENIGMAS DOS SERTÕES: UMA ABORDAGEM PARA ALÉM DAS
PERSPECTIVAS EUCLIDIANAS.**

NASCIMENTO, José Jaime do.
Graduando em História – UFCG
jaimehistoriador@hotmail.com

BRANDÃO, Ivone Agra.
Mestranda em História – UFCG
ivoneagra@hotmail.com

O termo “Sertão” foi um tema bastante discutido no Brasil, especificamente nos fins do século XIX e início do XX. *Os Sertões* é uma obra de Euclides da Cunha de 1902. Ela foi reconhecida por alguns intelectuais como um marco das Ciências Sociais no Brasil. A obra também estabeleceu uma divisão sócio-geográfica, a partir da divisão regional entre o Norte, esta sendo composta por pessoas civilizadas e o Sul, região onde predominava a barbárie. Segundo, Euclides da Cunha:

Há três núcleos espaciais nítidos que galvanizam a sua atenção, partilhando os seus escritos: o Norte, seguindo o uso da época, invoca sempre a região que, na divisão hodierna mais corrente, reúne os estados do Nordeste, inclusive a Bahia; o Sul, englobando desde o Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo e todos os demais estados ao Sul, além das porções meridionais de Goiás e Mato Grosso; ficando o imenso espaço territorial restante dessa divisão, mais histórica que geográfica, como ocupado pela Amazônia.

Ao Norte foi onde se constituiu a sua obra capital: *Os Sertões*. Esta obra estava inserida num contexto de transição do sistema político, momento em que o Brasil saía do período Imperial para o regime Republicano. Em meio às transformações políticas um grupo de pessoas miseráveis se reuniu no sertão baiano, na localidade denominada Arraial de Canudos.

Em Canudos formou-se uma comunidade, sob a liderança do beato Antônio Conselheiro. Essa localidade tornou-se ao longo do tempo, um centro relativamente próspero, dedicando-se também ao comércio com as cidades vizinhas. O crescimento gerou inquietações entre os proprietários rurais da região.

Os senhores de terras juntamente com autoridades republicanas passaram a conspirar contra Canudos, utilizando do pretexto, que aquela comunidade era um reduto

de monarquistas. Diante de tais justificativas foram empreendida quatro expedições para arrasar Canudos, mas somente a última logrou sucesso.

Canudos não se rendeu. Exemplo único de toda a história, resistiu até o esgotamento completo. Expugnando palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam furiosamente cinco mil soldados. (SEVCENKO, 1995, p.145)

Euclides, desde o princípio manteve-se na luta pela República. Ele era ativo e sempre demonstrava fé no novo regime. E por causa de suas convicções foi convocado para registrar os fatos das expedições republicanas contra Canudos. Mas, quando chega nesta localidade ele se depara com outra realidade. Observou um povo abandonado pelo poder público. Diante disso, percebeu que a república que sonhava era avessa.

A República, tão promissora, nas suas origens, de uma civilização técnica e moralmente elevada, havia se transformado no “paraíso dos medíocres”[...]As transformações sociais, políticas e econômicas, ao contrário do que se esperava, só trouxeram a exacerbação do egoísmo e do interesse na luta pelos cargos e comissões altamente remunerados, acompanhado pelo maior desprezo e indiferença pelos assuntos públicos. (SEVCENKO, 1995, p.146-147)

Diante dessa situação, Euclides se mostrava inconformado com o regime republicano, pois um pequeno grupo aumentava seus privilégios e poder. Impedindo, assim, que várias camadas sociais atingissem as condições necessárias para conduzir as decisões políticas, econômicas e sociais.

Isso posto, o objetivo mais premente seria a incorporação do sertão e de sua gente aos núcleos ativos da vida civil e econômica estabelecidos no litoral e nos grandes centros urbanos. O que implicaria a difusão em toda amplitude daquelas paragens, da educação escolar e do amparo legal do Estado, estabelecendo uma justiça maior nas relações contratuais de trabalho e garantindo o pleno direito de cidadania às populações sertanejas. (SEVCENKO, 1995, p.149)

Como podemos notar, o desejo de Euclides era promover a integração das regiões Norte e Sul, ou seja, Litoral e Sertão. Mas, para isso, necessitava da anuência do

Estado, como órgão regulador das relações sociais, tomando por base questões como: educação, justiça e conexão das classes populares à vida civil. Almejando a partir desses elementos o estabelecimento de uma sociedade solidária universalmente.

O Sertão decantado por Euclides da Cunha e outros intelectuais da época teve várias conotações distintas, inicialmente o Brasil era dividido em dois espaços, o Litoral e todo o resto do território era o Sertão. Depois foram construídas outras perspectivas do que seria sertão.

Ainda que não exista consenso a respeito da etimologia da palavra sertão, a conotação de deserto e tudo o que se encontra distante da civilização é bastante freqüente e duradouro no pensamento social do brasileiro[...]Sertão é, para Euclides da Cunha, tudo aquilo que está fora da escrita, da história e do espaço da civilização: terra de ninguém, lugar de inversão de valores, da barbárie, e da incultura. São territórios misteriosos, fora da história e da geografia, que não foram mapeado de forma sistemática. (LIMA, 1998, p.57)

Para Aurélio Buarque de Holanda Ferreira a palavra sertão seria oriunda de desertão: “1.região agreste, distante de povoações ou das terras cultivadas; 2.Terreno coberto de mata, longe do litoral; 3. Interior pouco povoado”. O sertão também foi associada à área semi-árida do Nordeste brasileiro, que priorizava a atividade econômica do couro. Para a comissão Geológica de São Paulo, o termo sertão era utilizado para designar o Oeste do Estado, região pouco habitada. Outra hipótese para o termo era constituída a partir do movimento sanitarista da primeira república, representando o sertão como toda à área depois da avenida central do Rio de Janeiro.

Quem eram os habitantes do sertão? Dependendo da região poderia ser o vaqueiro Nordestino, os caipiras de Minas Gerais ou de São Paulo e os sertanejos, homens do interior do Brasil. O homem do sertão era encarado na maioria das vezes de forma negativa, como aquele que resistia a modernidade e à civilização. O sertão compunha-se por uma população mestiça, infantil, inculta e em estágio inferior da evolução social.

Tais características do homem sertanejo foram representadas, inicialmente, na figura do Jeca Tatu, de Monteiro Lobato. Nesta obra, o homem do sertão era visualizado de maneira dual, de um lado, era forte e autêntico, mas por outro, tinha aspecto sombrio, indolente e isolado. O próprio Euclides, em sua obra *Os Sertões*, tece comentários negativos a respeito do homem do interior, apesar de também os considerar como fortes.

É importante lembrar que o sertão construído por alguns intelectuais não representava em parte a realidade. Nesta localidade existia uma cultura pulsante, tanto é que estudiosos passaram a observar o sertão, os sertanejos e os elementos que o cercavam de forma detalhada. Capistrano de Abreu foi mais um escritor que colaborou com a construção da identidade do povo brasileiro a partir do homem sertanejo. Ele exaltou o sertanejo, e os viu como protagonista de sua própria história, por outro lado, se contrapôs a formação da história brasileira a partir de concepção de civilidade e de progresso que se baseava nos modelos Europeus. A 3ª geração do romantismo também enaltece a figura do sertanejo, os seus valores autênticos e honradez. Os romancistas tinham uma visão otimista de integração nacional, onde vincularia o sertão e litoral.

Euclides via o sertanejo a própria epítome da população brasileira: “o cerne de uma nacionalidade”, “a rocha viva de nossa raça”. Acreditava jazer latente nele a única esperança de atribuir ao país o aspecto geral de uma população homogênea e de livrá-lo do estigma cosmopolita tão acentuado pela imigração. (SEVCENKO, 1995, p.139)

Podemos dizer que Euclides enxergava as populações do interior como a estrutura base da nação. E de certa forma, passou a criticar as elites brasileiras por tentar implantar um projeto de civilização desconectado com a realidade brasileira. A própria expedição contra Canudos mostra o quanto o “Brasil” estava influenciado pelas mudanças sociais europeias e esta realidade acabava desconsiderando as especificidades brasileiras.

Euclides junto com outros intelectuais tentaram constituir o que seria a identidade do brasileiro. Inicialmente, teve a opção pelo índio enquanto símbolo da nacionalidade, depois se pensou em substituir o indígena pelo sertanejo enquanto símbolo da brasilidade.

O modo de Euclides da Cunha conceber a formação da identidade brasileira estava, então, permeado pela convicção de que o brasileiro era, de fato, inferior racialmente. Mas nem por isso devia ele pretender deixar de ser o que era para se assemelhar ao europeu. Havia em suas indagações uma contínua insistência em que era melhor ser genuinamente brasileiro, por

pior que isso fosse racialmente, do que ser cópia de um europeu.
(REZENDE, 2001, p. 209)

Com isso, Euclides nos passa a idéia que é importante construir um projeto civilizador, sem que para isso, ele esteja engajado com propostas européias. Contudo, busca formar a identidade brasileira, a partir de elementos que preservem nossa diversidade cultural e racial, tomando por base, os sertanejos mais vigorosos.

É importante lembrar que, apesar de Euclides ter posições ambíguas em relação ao pensamento científico e as idéias de inferioridade racial, ele demonstrou o desejo de integração territorial e social. Assim, buscando formar uma nação que privilegiasse a cultura do sertanejo e o seu perfil positivo: homens resistentes, honestos, leais e além de tudo, um sobrevivente, tais características eram importantes para implantar as mudanças sociais no Brasil.

Outro elemento que compunha a vida do sertanejo era a religiosidade, a própria fé consistia em amenizar o sofrimento de uma população imbuída pela miséria e o isolamento. Os líderes religiosos, como exemplo, Antônio Conselheiro, aparecem como restauradores de padrões e valores sociais, instituidores de organização social.

De acordo com Euclides os movimentos messiânicos eram mais uma forma da população do interior resistir contra a miserabilidade que assolava a vida desses brasileiros, esquecidos pelo governo e pelas autoridades em geral. Segundo, Maria Isaura Pereira de Queiroz:

Deveria ser revista a tese consagrada - Sob inspiração de Euclides da Cunha e, antes dele, de Nina Rodrigues – que percebe tais movimentos como reação de grupos sertanejos à imposição de valores de progresso originário do litoral. Ainda, segundo a autora, a visão dos messias como refratários ao progresso decorria em grande parte da imagem que se cristalizou de Antônio Conselheiro e de suas atividades no interior de Canudos. (LIMA, 1998, p. 189)

Para Queiroz, em muitos casos as ações dos líderes religiosos promoveram surtos no progresso econômico. Para isso, basta lembrar que o comércio e o artesanato desenvolveram-se naquelas regiões.

O líder religioso Antônio Conselheiro congregou em Canudos, sertão da Bahia, uma população constituída por homens pobres. Esta localidade acabou prosperando economicamente, e com isso, veio à resistência por parte das autoridades locais e republicanas utilizando de pretexto a informação que Canudos era um reduto de monarquistas. É bem provável que os habitantes dessa localidade não soubessem sua posição política, uma vez que, o próprio Rio de Janeiro, centro político e administrativo, não sabia o que se passava quando foi proclamada a República. Diante das resistências empreendidas, pela população de Canudos, pode-se afirmar que eles não foram passivos e inertes no enfrentamento com as forças legais do governo.

A proposta deste estudo foi mostrar as várias concepções de sertão e as divergências deste, com o litoral. Euclides da Cunha, em sua obra máxima, buscou eternizar a figura do sertanejo robusto que acabou se tornando o centro de toda mudança social do país. E através de alguns estudos, o homem do sertão passou a ser considerado como rocha firme da identidade nacional.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. A invenção do Nordeste e outras artes/ Durval Muniz de Albuquerque Jr.- Recife : 1999. Fundação Joaquim Nabuco.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões* : (campanha de Canudos) / Euclides da Cunha.- 28.ed.- Rio de Janeiro : F. Alves, 1979.

CHAUI, Marilene. Brasil mito fundador e sociedade autoritária. 7ª Ed. – São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.

FREYRE, Gilberto, 1900-1987. Nordeste. 7ª ed. Ver. – São Paulo: Globo, 2004.

LIMA, Nísia Trindade. Um sertão chamado Brasil. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1998.

MOREIRA, Herivelto; Metodologia da pesquisa para professores / Herivelto Moreira, Luiz Gonzaga Caleffe. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

REIS, José Carlos. As Identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC. Rio de Janeiro: ed. FGV, 2001.

REZENDE, Maria José de. *Os Sertões* e os (des)caminhos da mudança social no Brasil. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S.Paulo, **13**(2): 201-226, novembro de 2001.

SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão. São Paulo: Brasiliense, 1995.